

O PRAZER DE LER: UMA LEITURA DO CONTO “MAGO” DE MIGUEL TORGA.*

THE PLEASURE OF READING: A READING OF MAGO, A MIGUEL TORGA'S SHORT STORY.

Celeste Duarte Baptista¹

“Não se pode ensinar coisa alguma a alguém, pode-se apenas auxiliá-lo a descobrir por si mesmo”
Galileu Galilei (1564-1642)

RESUMO: Este artigo apresenta uma leitura de fruição e reflexão do conto *Mago*, de Miguel Torga, um universo ficcional que relata o comportamento psíquico de um gato, metáfora especular do comportamento humano e seus conflitos intrapsíquicos, afetivos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade. Afetividade. Acomodação. Sentimento. Literatura. Psicanálise.

ABSTRACTS: *This article presents a reading of fruition and reflection of Mago, a Miguel Torga's short story, a fictional universe which relates a cat's psychical behavior, mirrored metaphors of the human behavior and its psychic, affecting and social conflicts.*

KEYWORDS: *Liberty. Affectivity. Accommodation. Emotion. Literature. Psychoanalysis.*

Li. Reli, recentemente, o conto *Mago* de Miguel Torga e assaltou-me uma vontade irresistível de dividir a minha leitura com amigos, colegas e alunos. Gostaria de poder partilhar o prazer que senti no decorrer da leitura e, se não for demasiada pretensão, despertar nos meus leitores a vontade de ler o texto original.

Santo Antônio falou aos peixes sobre os defeitos dos homens. O Padre Antônio Vieira falou aos homens sobre os defeitos dos peixes. Miguel Torga fala-nos dos bichos como homens, semelhantes nos anseios e angústias, e dos homens semelhantes aos bichos quando observados em seus comportamentos instintivos.

O conto *Mago*, de Miguel Torga, leva-nos a uma leitura psicossocial do universo masculino da humanidade.

Nele, um gato, bicho dissimulado, representa

magistralmente o mundo dos homens, entendido aqui com a ambigüidade que o termo permite: de *humanidade*, portanto, genérico, abrangente, o que lhe amplia o significado, e de *homem*, indivíduo, o que o particulariza, o diminui, o apouca e o restringe à condição de Macho.

Mago, o protagonista, vê-se confrontado, simultaneamente, com a sua força e com sua pequenez. Poder e humilhação andam de tal forma juntos que esse gato (ou seria homem?) oscila entre o conflito da Liberdade, que o torna poderoso a seus olhos e aos dos outros, e a aceitação da Prisão, ou melhor, entre a Acomodação que o enfraquece diante da sociedade (animal ou humana) que o julga e condena por preferir o conforto, a segurança. — o Lar, com a afetividade que o acompanha — à Liberdade do mundo que o seduz — o Bar — que o engrandece, o diviniza (ainda

1- Professora de Literatura Portuguesa da UnG – Mestre em Lingüística, Letras e Artes; – Psicóloga.

Rua Humberto Porto, nº 61, 2º andar – Jardim Pinhal – 07120-010 Guarulhos, SP – e-mail: celestebaptista@uol.com.br

* Este texto está revisado pela autora e conserva as características literárias de intencionalidade.

à luz dos mesmos olhos), mas o torna solitário como um deus. Todas as dores (morais e físicas), todas as angústias do indivíduo-humano se concentram nesse indivíduo-gato (Mago) e o empurram para o abismo do conflito hamletiano de “ser ou não ser”, dor cósmica, existencial, que atormenta o ser humano e dá expressão artística à literatura das primeiras décadas do século XX eivadas de conflitos políticos, econômicos e existenciais.

Não podemos nos esquecer das duas Grandes Guerras mundiais que afligiram a Europa da primeira metade do século, deixando um rastro de sangue, de dor e o homem entregue às suas misérias e confrontado com elas.

A psicanálise, ciência em fase de crescimento e expansão, propõe-se explicar, traduzir e até minorar o sofrimento humano, trazendo a descoberta do Eu e do Outro, faces de um mesmo espelho que, longe de refletir a imagem, devolvendo-a intacta, faz com que o homem se defronte consigo mesmo, seus valores, crenças e (pré)conceitos, e não se reconheça nessa imagem especular que vê refletida.

Estilhaçado o espelho, fragmentada a imagem, busca-se uma nova maneira de reconstruir os “farrapos”, os pedaços, e de construir uma nova unidade, um novo homem. O novo homem não pode mais sustentar-se na base do poder da sua força física em que esconde a fragilidade afetiva.

Habitado a confundir satisfação do desejo sexual com prazer, esqueceu-se de que a fruição do prazer só pode ser completa com o prazer do outro, na troca da carícia que, longe de enfraquecer, fortalece o homem.

No amor, o que fortalece não é o poder sobre o outro, mas a troca, o dar e receber.

Entendido como fragilidade, ao poder feminino restou a sedução como força de domínio sobre o homem que finge ignorar tal poder, mesmo quando se lhe rende, menosprezando ou apequenando essa força, para se sentir, ele, o macho, o senhor de todos os destinos (seu e da mulher/fêmea).

Esticou-se então por inteiro, firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixando-se ficar assim por alguns instantes, só músculos, tendões e nervos, com os

ossos a ranger de cabo a rabo. Arre, que não podia mais! Aquele mormaço da sala dava cabo dele. Deixava-o sem ação, bambo, mole e morno como o cobertor de papa onde dormia. A que baixeza a gente pode chegar! Ah, mas tinha que acabar semelhante degradação! Não pensasse lá agora a senhora D. Maria da Glória Sância que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço macio de solteirona. Não faltava mais nada! E, se lhe restavam dúvidas, reparasse no que estava a acontecer naquele momento: ela a ressonar sozinha, na cama fofa, enquanto ele enchia os pulmões de oxigênio e de liberdade. É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslizara de seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha. Uma questão de delicadeza, apenas. Porque, afinal, não havia vantagem nenhuma em fazer as coisas à bruta e ofender quem só lhe queria bem...

Ler o conto *Mago* suscitou em mim o desejo de compartilhar uma leitura que se me mostrou intensamente rica. Nele a alma masculina se desvela, deixando a nu seus segredos mais recônditos. Isso só poderia acontecer sob a pena de um escritor como Torga (cujo nome significa tojo, planta resistente capaz de brotar no solo duro de uma terra pedregosa, difícil de ser rasgada, Trás-os-Montes, onde nasceu) homem de vida dura e ao mesmo tempo de grande sensibilidade poética.

Na obra em análise, o autor apresenta uma acutilante visão de mundo e do homem, em palavras que rasgam, desnudam, ampliam recantos sombrios, de grande riqueza e profundidade. A obra surpreende até o leitor mais desavisado que busca apenas uma leitura de fruição e se depara com uma história (fábula) de aparência simples, mas de profunda densidade psicológica.

Ao ler o conto, não pude resistir aos múltiplos apelos que ele me lançou. Cada linha, cada palavra estavam ali, prontas a se entregarem ao desvenda-



mento de uma história de qualquer gato, aqui representado por MAGO, história que nos magnetiza com seu sortilégio narrativo.

Mago, um gato dissimulado, sorrateiro “desliza de seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha”, rancoroso e revoltado “Raios partissem a D. Sância, e mais quem lhe gabava as almofadas! Por causa delas, pouco faltava para lhe cuspirem na cara!”, acomodado ao conforto e totalmente dominado pelo afeto de sua dona, contra quem resolve rebelar-se sem grande convicção de sua atitude; afinal, espera vê-la adormecida para abandoná-la (vide fragmento acima), semelhante a um homem acudado no casamento, e que procura o Bar como refúgio e tortura de seus sentimentos contraditórios.

O Bar representa a liberdade (perdida) do homem. Como qualquer homem, Mago teima em encontrar no Bar o elo doirado da liberdade perdida, e como homem, se defronta com a humilhação, a inveja, dos que não têm o afeto de um Lar, pois abdicaram dele em nome da liberdade e mofam do conforto alheio.

— Ouvi dizer que nem sardinhas comes?!

— Essa agora! É todos os dias...

— E que nunca mais caçaste?

— Ainda esta manhã...

Piadinhas do Lambão. É claro que os mimos de D. Sância lhe haviam deformado o gosto... Metia-lhe os petiscos ao focinho, tentava-se!

Ser livre é bom. Não pertencer a ninguém, poder ter todas as gatas (entenda-se como preferir animais ou humanas), ser o dono do pedaço não sendo de nada, nem de ninguém, não ter grilhões que o prendam a nada... Ser livre é o desejo desse gato (homem) que não assume inteiramente a responsabilidade de suas escolhas quando confrontado com elas. Desejoso de liberdade, Mago foge de casa, reage aos insultos de Zimbro, luta com ele, mas leva a pior “Cego da cabeça aos pés, atirou-se ao abismo. Infelizmente as ensanchas do Zimbro eram outras. Tinha raiva, tinha dentes, tinha unhas e fôlego. Contra tais armas, que podia a simples indignação de um pobre mortal gordo e lustroso?”. Diante da derrota, ferido, humilhado, Mago “se

confessou derrotado, sangrava e gemia tanto, que até um polícia, embaixo, na rua estreita, se comoveu.” então, “Fugiu desvairado pelos telhados” e “Dali por diante, seria apenas uma humilhação, sem esperança.”. O gato acabou trocando a liberdade-solidão do Bar do Tinoco pelo aconchego-acomodação do Lar.

O conflito de Mago, em relação à casa de D. Maria da Glória Sância “Que diabo, sempre a D. Maria da Glória Sância, a que até um fio de oiro lhe comprara para o pescoço!” (note-se a gratidão dele em relação a ela), é idêntico ao da maioria dos homens quando se trata de escolher entre o Bar e o Lar. Feita a escolha cresce o rancor, o sentimento de humilhação e derrota “Que, considerando bem, por essas e outras é que chegara àquela linda situação...” (Repare-se no tom irônico-sarcástico da frase, eivada de um certo rancor por si próprio, em virtude de se ter deixado dominar pelo afeto-conforto dos mimos da dona).

A escolha do Lar acarreta em ambos, homens ou gatos, frustração e revolta:

Mas a que propósito vinham agora as perplexidades e as recriminações? Sim, a que propósito?

Fartinho de saber que nem sequer lhe passara pela cabeça a idéia de resolver o caso doutra maneira!

Ao menos fosse sincero! De resto, que esforço concreto fizera para se libertar? Nenhum. Ainda não havia uma dúzia de horas, ouvira o Lambão como eco da própria consciência... E, afinal, ali estava outra vez! E viera de livre vontade... Ninguém o obrigara... Já roído de remorso? Ora, ora! Outro fosse ele, nem aquela casa encarava mais. E voltara! Sim, voltara miseravelmente... E à procura de quê? Da paz podre, do conforto castrador... Que abjeção! Que náusea!

E, sem querer, sem poder aceitar a sua degradação, Mago entrou pelo postigo da cozinha e foi deitar-se entre os braços balofos da D. Sância.

Pelo trecho acima, podemos observar a rendi-



ção de Mago, que é a rendição do homem, à acomodação e ao conforto — ao Lar. É uma rendição carregada de mágoa e de rancor que, no ser humano, leva ao ostracismo. O homem, rendido à condição de animal doméstico (domesticado) fecha-se, castiga-se, castigando a companheira, a família a um mutismo que corrói a relação amorosa transformando-a num campo minado de desencontros e frustrações.

Se atentarmos nos nomes das personagens do conto, podemos chegar a alguns dados, no mínimo curiosos, sobre a relação nome-função ou nome-atitude, de tais personagens. Torga escolhe os nomes das personagens de acordo com os traços mais marcantes da personalidade de cada uma.

Começando pelo nome Mago, o protagonista da história, esse designativo remete-nos a um sujeito que pratica a arte da magia, capaz de esconder aos olhos dos espectadores um objeto e fazê-lo reaparecer, sem que o espectador perceba como tudo aconteceu. Mago pode também significar bruxo, sujeito detentor de poderes. A personagem revela-se possuidora de força e poder “estava farto de ser desfeitoado. Ainda há pouco... chegara perto da mulher, disposto a impor sua autoridade”, embora esse poder se revele, por fim, enfraquecido.

D. Maria da Glória Sância, é algumas vezes apelidada de “sanataria” (ou “santanária”, variantes no conto) “E tudo obra do estupor da sanataria!”. Dona é um tratamento de senhoria e delicadeza, de poder sobre o outro. Maria, nome comum de mulher, que pode servir para generalizar o sexo e emprestar-lhe um sentido de menos valia de mulher comum, destinada a fazer as tarefas mais humildes e depreciada socialmente. Maria é também o nome da Virgem Mãe de Deus, mulher poderosa e pura. Glória, nome forte, de poder quase divino (glória a Deus ou a glória de Deus). Sância, de sanar, curar, de santa. De certa forma D. Maria da Glória Sância foi, para Mago, desde o primeiro encontro e até o fim, a que cura, a que é maternal, a que o serve, dando-lhe tudo, amparando-o, acorrentando-o com todo o amor que lhe dedica. Ele não pode afastar-se dela sem ser chamado, reprimido... “— O bichinho está doente. Se calhar é fome...” (primeiro encontro). “— Mas que não saís de casa.”, “Às vezes tentava reagir. Mas o raio da velha, mal o via pôr o pé na soleira da porta, perdia a cabeça! Parecia

uma sineta! —Mago! Mago! Bicho, bichinho!”.

Faísca, é a namorada, “mulher” de Mago, que ele abandonou e que passou a se relacionar com outros gatos. Seu nome lembra fogo, rapidez. Abandonada por Mago, Faísca procura consolo e aconchego em outros gatos, sobretudo em Zimbro, de quem teve “cinco pequenos”. Mago tenta tirar satisfações, mas ela, não nega a traição, até pelo despeito que ainda alimenta por ter sido trocada pela casa de D. Maria da Glória:

— *Ouve lá: disseram-me que mos andas a pôr para aí com todo o mundo?*

E recebe esta pelas ventas:

— *Bem haja eu!*

— *Bem hajas tu?!*

— *Nunca guardei respeito a maricas!*

Só a tiro! Mas a verdade é que a Faísca tinha razão. Lá de ano a ano é que vinha procurá-la, e isso de gado fêmeo quer assistência.

Além disso, pesadão, desconsolidado. E até esquecido dos ganidos dessas horas...

Uma vergonha!

Zimbro, o oponente, nem é tão elegante, afinal “os pequenos” saíram todos ao pai “a ninhada pertencia inteirinha a Zimbro. Até pela pinta se via. Todos com o mesmo olhinho remelão...”, para desespero de Mago “O que ele era era um parrana, um infeliz, embora não o confessasse.”

Zimbro é o nome de uma planta da família das pináceas, cujos frutos se utilizam na preparação do gin, da genebra e aromatização de carne; é um condimento que dá gosto à bebida a que se mistura. Zimbro, o gato, dá sabor à relação de Faísca abandonada (ou mal assistida) por Mago.

Hilário é o nome de um gato boêmio, solteirão e livre amigo de Mago, fundador do Tinoco,

o clube da gataria de meia-idade. Bem situado, com saída para dois bairros da cidade, fora fundado pelo maior valdevinos da geração: o Hilário. Era um telhado corrido, quase plano, amplo, alto, mas de onde se podia cair de qualquer maneira numa aflição. Um achado. Como



a casa servia de armazém o Hilário viu de relance as condições do local. E logo no outro dia, os beijos, as mordedelas, os arranhões e os queixumes, do cio foram ali. Bons tempos esses! Namorava então a Boneca, uma gatinha borralheira de a gente se perder.

mas, Hilário, é também o nome de um estudante de Coimbra, cantor de fados, famoso pelo caráter boêmio e mulherengo, que teria vivido no início do século XX e é enaltecido em muitas letras de fado.

Tareco, nome comum de gato, sem lhe imprimir caráter ou personalidade, “o patife do Tareco. Era de o derreter logo ali! A desgraça é que não podia passar da mansa indignação que o roia.”

As figuras femininas, além das já citadas, D. Maria da Glória Sância e Faísca, também são portadoras de nomes curiosos reveladores de suas características mais marcantes:

Boneca, gata delicada e fútil, frágil, dengosa,

Namorava então a Boneca, uma gatinha borralheira de a gente se perder.

— Ora viva!

— Miiau...

— *Seja bem aparecida, a minha bonequinha! (atenção ao trocadilho entre o nome da personagem e a sua aparência)*

— Miiau...

— *Mimo da cabeça aos pés. Mas um reбуçadinho!*

Moira-Negra, nome que remete ao universo mítico das lendas mouriscas, cheias de mulheres sensuais, encantadas, sedutoras que levam os homens à perdição. “Depois enrodilhara-se com a Moira-Negra, um coiro velho, curtido e batido. Cada guincho que abria a noite! — Cala-te lá com isso, mulher! Isso calava ela! Acabou por se aborrecer.” É interessante notar que o narrador passa sem transição, de bichos a homens, como se destes falasse o tempo todo e não daqueles, numa dissimulada distração. Mago, como os seres humanos machos, é sujeito à mobilidade da volúpia e cansa-se até do que, momentos antes, era

fonte de prazer. Escolhe, então, a nova companheira.

Perricha, gata de humor difícil, possessiva (diríamos, talvez, histérica se aqui se tratasse de uma análise psicanalítica).

Por fim veio a lambisgóia da Perricha...

Uns trabalhos. Ciúmes, fraqueza, dores de cabeça, o diabo!

— *Matas-te, filho, arruínas-te...*

Palavras sensatas da mãe.

— *Muda de vida, homem! Essa excomungada leva-te à sepultura.*

Mas quê! O vício pode muito.

Até que a mãe morreu de velhice e de desgosto, a Perricha desapareceu do bairro e ele foi cair por acaso no quintal da D. Sância.

— *O bichinho está doente. Se calhar é fome...*

É neste ponto que Mago, perdida a mãe, desorientado em relação ao mundo feminino, encontra em D. Maria da Glória, a substituta para a falta materna, começando assim a vida de acomodação, trocando liberdade por conforto, o que gera nele um misto de raiva e rancor. Estes sentimentos são fortes e, embora aparentemente semelhantes, são antagônicos na sua força motriz. A **raiva** conduz a uma reação para fora, o indivíduo imbuído desse sentimento, explode, sem medir as conseqüências. Usada positivamente, leva à reação de mudança para novos desafios; já o **rancor** induz a um movimento introversivo. Longe de reagir à situação que o incomoda, o indivíduo remói, ensimesma-se, desiste de qualquer ação que modifique o *status quo*. O conflito é interno, doloroso, de isolamento e auto-piedade. Como no fragmento abaixo:

E a ternura da senhora nunca mais o largou. A princípio tentou reagir, mas, por fim, o corpo, o miserável corpo, acostumou-se ao ripanço. A parva da santanaria cuidava que era amor correspondido (rancor). Palermo! Amizade sincera não é com os gatos (será com os homens?). Simplesmente, quem brinca aos afogados, afoga-se. Com o andar do tempo, a moleza foi

tomando conta dele... E pronto. Quando reparou, estava perdido. Às vezes tinha tentações do inferno. Infelizmente, as vidas iam ruins. Virava-se o balde de restos, e não se aproveitava uma espinha. Que remédio, pois, senão contemporizar... Mas cara aposentadoria! Considerando bem, melhor fora que o estafermo de solteirona nunca lhe tivesse aparecido. Mais valia andar pelado e a cair de fome e ser capaz de responder ao pé da letra aos sarcasmos que agora lhe atiravam.

— Olha o Mago!... Olha o milionário!... O patife do Tareco. Era de o derreter logo ali! A desgraça é que não podia passar da mansa indignação que o roia. Nem forças, nem coragem para mais. E, logo por azar, com o clube à cunha! Parecia de propósito. Raios partissem a D. Sância, e mais quem lhe gabava as almofadas! Por causa delas, pouco faltava para lhe cuspirem na cara! (raiva).

O rancor corrói Mago, e o afeto de D. Sância é motivo da sua frustração de ter trocado a liberdade pelo conforto. O rancor transforma-se em raiva e leva à reação. Mago sai de casa, sorrateiramente, afoito (num primeiro momento) e disposto a enfrentar o mundo, a largar o conforto e a vida boa, que o afasta dos amigos. Revolta contra si mesmo e contra D. Sância (meio mãe, meio mulher), contra o mundo, que representa a liberdade perdida e que inveja o conforto que ele possui. D. Sância é a força feminina que representa o Lar, a família que todo o gato (homem) almeja e quer, mas que intimamente repudia por lhe tolher a liberdade.

Em casa, o homem perde o poder, que pertence à mulher, e se subjugua, se deixa dominar, mas, dissimulado que é (como o gato) tenta escapar a esse domínio e corre para o bar onde pode blefar, arrotar bravatas de poder.

Este conto possui os condimentos essenciais para despertar no leitor o prazer do texto.

O conto é curto, denso (sem ser rígido), dinâmico, mistura, na dose certa, a narração, a descrição e o diálogo, a poesia e a prosa. Síntese de ações, reações, sentimentos, desejos sensações e emoções.

Narrativa de terceira pessoa em que o narrador, onisciente, passa da narrativa ao pensamento da personagem protagonista — Mago — lendo-lhe os pensamentos, e fazendo com que o leitor “viva” os conflitos que movem a personagem, sentindo as suas dores, a sua raiva ou ternura. Há delicadeza na forma de conduzir a narrativa dando a cada um — narrador ou personagem — o tanto de fala e ação que desafiam o leitor a não se distrair, um momento sequer, sob pena de perder um ponto importante da história. Tudo gira em torno de Mago, protagonista desta história de bicho-homem. As personagens restantes, todas secundárias, servem de sustentação ao argumento do narrador.

O tema-base do conto assenta no binômio Liberdade X Acomodação que permeia as relações e reações humanas ou, se se preferir Celibato X Casa-mento, sinônimos de Liberdade e Conforto (Acomodação). Em outras palavras, o tema da Solidão versus Companhia.

Como se dá a escolha do homem diante de forças tão antagônicas, pelas quais se sente igualmente atraído? O desejo é o motor dos movimentos humanos que oscilam entre estas duas forças. Miguel Torga oferece-nos uma reflexão sobre o assunto, num conto de aparência leve, simples, mas de uma riqueza ímpar.

O homem sabe (o conhecimento é condição humana), desde os primórdios, que é bom ser livre para ir aonde se quer, fazer escolhas, mas também sabe que tudo tem um preço, que a liberdade acarreta responsabilidade e que a escolha acarreta renúncia do não escolhido. Ao mesmo tempo que quer ser livre, portanto, independente, o que implica em ser só, o homem também quer, deseja, precisa de uma companhia. Para ter companhia o ser precisa renunciar à individualidade. É aí que surge o conflito.

No conto, como na vida, Torga recria o universo mítico do Bar e do Lar. Para o homem livre, o Bar é seu espaço. Já para o que deseja companhia, o Lar representa o aconchego do outro, o afeto, o fim da solidão. Portanto a casa, espaço físico onde se situa o LAR, compete com o BAR. É interessante observar como a troca de uma simples letrinha — BAR; LAR —, modifica todo o processo de relação do homem com o mundo.

No Bar há a multidão que permite ao indivíduo estar rodeado de gente e ser único, ser apenas mais um, que entra e sai quando quer, fala, ou não, com



quem quer e se quer. No Lar o indivíduo nunca é só. Ele está com o outro, divide, partilha e, ainda que se diga só, a presença do outro paira no ar. Não há um único momento em que não sinta essa presença, na fala ou no silêncio. O ar está impregnado do outro, que se respira constantemente. O outro é afeto, companhia, segurança. É tão forte sua presença que, mesmo ausente, o espaço perpetua-lhe presença. No Bar está-se só na multidão. No Lar, ainda que se esteja só, as marcas do outro não se apagam. Não há simbiose, mas o outro (a família) cria um murmúrio de vozes que ninguém consegue calar.

No conto *Mago*, D. Maria da Glória é o outro de Mago. Ela, de tanto lhe querer, não o deixa sentir-se livre, nem indômito, como era antes de conhecê-la. O Lar é, para Mago, a salvação, o refúgio, o conforto, a sua acomodação. É, também, a sua prisão. Então, ele se rebela: “Os mimos de D. Sância tinham-no desgraçado. Ah, mas a coisa ia mudar de figura”. Foge, mas volta. Volta vencido por um mundo que não o reconhece mais, um mundo que o ridiculariza e inveja — “Reparem nas falinhas dele... A tratar os amigos por cavalheiros!”. Volta vexado, desafiado, e, perdida a luta com o rival Zimbros, que “tinha raiva, tinha unhas e fôlego”, enquanto ele se tornara “um pobre mortal gordo e lustroso”. Mago, num resto de indignação e orgulho ferido, tenta reagir, mas perde para a destreza e força inimigas.

Vencido, revoltado, infeliz e cheio de rancor pelas injustiças do mundo, regressa a casa de D. Sância, de onde fugira. Sem coragem de se ver, como realmente é, aceita envergonhado, o conforto que lhe é oferecido. Acomoda-se:

Mas a que propósito vinham agora as perplexidades e as recriminações? Sim, a que propósito?

Fartinho de saber que nem sequer lhe passara pela cabeça a idéia de resolver o caso doutra maneira!

Ao menos fosse sincero! De resto, que esforço concreto fizera para se libertar? Nenhum. Ainda não havia uma dúzia de horas, ouvira a voz do Lambão como um eco da própria consciência... E, afinal, ali estava outra vez! E viera de

livre vontade... Ninguém o obrigara... Já roído de remorsos? Ora, ora! Outro fosse ele, nem aquela casa encarava mais. E voltara! Sim, voltara miseravelmente... E à procura de quê? Da paz podre, dum conforto castrador... Que abjeção! Que náusea!
E, sem querer, sem poder aceitar a sua degradação, Mago entrou pelo postigo da cozinha e foi-se deitar entre os braços balofos da D. Sância.

Pesados os prós e os contra, Mago fica com o Lar. Cumpre-se a máxima da Bíblia: “Não é bom que o homem esteja só”.

Que Deus, amigo ou tirano, dá ao homem a liberdade e, ao mesmo tempo, o castiga, fazendo-o consolar-se com o livre arbítrio (capacidade de fazer escolhas) sabendo que ele acabará priorizando a prisão à liberdade, como Mago?

Livres, os gatos do Bar, terão todas as gatas, mas nenhuma lhe será inteiramente fiel. Mago regressa aos braços aconchegantes de D. Maria da Glória Sância e, no aconchego do Lar, renuncia, definitivamente, ao Bar da Liberdade.

Não importa o quanto de mágoa, de rancor, de frustração, carregue consigo. Mago, representa a covardia do homem, que troca facilmente o desejo de liberdade (que o obriga a uma atitude de ação e responsabilidade), pelo desejo de acomodação e conforto, ainda que o preço seja a frustração e a rendição.

Mais do que não ser bom estar só, o homem não consegue encarar, de verdade, a solidão.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. **Cinco Lições de Psicanálise:**

contribuições à psicologia do amor. Tradução de Durval Marcondes [et al.]. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997, 116p.

LACAN, J. **Escritos.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., capII, 1998. 941p.

TORGA, M. *Mago.* Disponível em:

<http://victorian.fortune.com/postmodern/135/Torga.htm>

> acessos em 30/1/2006 e 5/8/2007